



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Vital Farias

O paraibano Vital Farias, que nos deixou nesta semana, é uma das trilhas sonoras da minha vida. Ao menos duas canções de sua autoria, *Veja (Margarida)* e *Aí que saudade d'ocê* tocaram e tocam no coração. A primeira é uma despedida amorosa, dramática e triste.

Elba Ramalho a gravou em 1982, mas, na verdade, a composição é de 1978, tempo de grandes esperanças, mas ainda assombrado pelos fantasmas do regime de exceção. Aqueles mais de 20 anos de cercamentos, embates e resistência deixaram marcas. E a canção parece tocar

nessas feridas ao evocar a encruzilhada de um relacionamento amoroso que se finda marcado pela incerteza.

É uma experiência triste, mas iluminada pela poesia: “Veja, meu bem/Arco-íris já mudou de cor/ Uma rosa nunca mais desabrochou/E eu não quero ver você/ Veja, meu bem, gasolina vai subir de preço/Eu não quero mais seu endereço/Ou é o começo do fim ou é o fim”.

Os últimos versos são ainda mais pungentes porque falam sobre uma despedida que tenta se agarrar ao alvo do seu amor de maneira desesperada, mas ainda com um fio de esperança desencantada e enigmática. “Eu vou partir pra cidade garantida, proibida/Arranjar meio de vida, Margarida/Pra você gostar de mim/Essas feridas da vida, Margarida/Essas feridas da vida, amarga vida/Pra você gostar de mim”.

É uma canção lindamente triste. Há experiências que são tão etéreas, evanescentes, impalpáveis e, no entanto, tão verdadeiras. E esse é o caso dessa canção para mim, que, sem premeditar, ao falar de um desenlace amoroso expressa o espírito de um tempo da passagem da ditadura para a redemocratização permeado de nuances dramáticas.

Já *Aí que saudade d'ocê*, a segunda canção que me tocou é uma declaração de amor em forma de baião. Eu ficava intrigado com a expressão “d'ocê” na composição de um paraibano arregrado de Taperoá. Mas, em entrevista, Vital Farias esclareceu que fez a canção para uma namorada mineira.

Vivia um período de muitos shows, sobrava pouco tempo para vê-la e, quando chegava, ela dizia: “Estava

com muita saudade d'ocê”. Eis como uma expressão tão singularmente mineira entrou na bela canção de um menestrel paraibano. É um baião romântico à altura das parcerias de Luiz Gonzaga com Humberto Teixeira.

Os versos de um lirismo de primeira linha que poderiam ser, tranquilamente, assinados por Manuel Bandeira, com muita honra: “Não se admire se um dia um beija-flor invadir/A porta da tua casa, te der um beijo e partir/Fui eu que mandei o beijo/Que é pra matar meu desejo/Faz tempo que eu não te vejo/Ai que saudade d'ocê”.

Estou com o Climério: gosto de canção com poesia, de preferência com um encaixe para ler, enquanto ouço a música. A geração pós-tropicalista de Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Belchior, Fagner, Alceu

Valença, Vital Farias, Elba Ramalho, Fausto Nilo, Clodo, Climério e Clésio ainda precisa ser mais valorizada na história da música popular brasileira: “E se quiser recordar aquele nosso namoro/Quando eu ia viajar, você caía no choro/Eu chorando pela estrada, mas o que eu posso fazer?/Trabalhar é minha sina/Eu gosto mesmo é d'ocê.”

Em todas as gerações nascem pessoas talentosas, mas a diferença é a educação, a cultura e a ilustração. Sem nenhuma nostalgia, eu acho que faltam esses ingredientes em boa parte da produção musical da atualidade. Se eles fossem cultivados, surgiriam novos Vitais Farias: “E se quiser recordar aquele nosso namoro/Quando eu ia viajar, você caía no choro/Eu chorando pela estrada, mas o que eu posso fazer?/Trabalhar é minha sina/Eu gosto mesmo é d'ocê”.

LUTO E REVOLTA / Francisco Evaldo, acusado de matar o vizinho Adriano de Jesus deve passar por audiência de custódia hoje. Para a família, a expectativa é de que a justiça seja cumprida e o atirador continue preso

Família pede justiça por Adriano

» LETÍCIA MOUHAMAD

Francisco Evaldo de Moura, 56 anos, acusado de matar o vizinho, Adriano de Jesus, 50, por um espaço em um estacionamento público deve passar, hoje, por audiência de custódia. “Esperamos que o flagrante seja convertido para que ele possa cumprir todo o processo preso e, ao final, vir a ser condenado pelo Tribunal do Júri. Na portaria inicial, Francisco está sendo acusado de homicídio triplamente qualificado consumado e tentado”, explica o advogado de acusação Marcos Akaoni, da equipe Akaoni e Cardoso Advocacia, que representa a família da vítima.

O atirador está na Carceragem da Polícia Civil e, até a próxima semana, deve ser transferido para o Complexo Penitenciário da Papuda, caso a prisão seja mantida hoje. Além dos indiciamentos por homicídio consumado e tentado, contra Gabriel Ferreira, 20, filho de Adriano, Francisco responderá pelo porte ilegal de arma de fogo de uso restrito, com pena de três a seis anos, visto que a arma usada no crime, uma pistola 9mm, pertence ao filho dele, um cabo do Exército.

Para a família de Adriano, sobra a dor da perda e a expectativa de que a justiça seja cumprida. Ontem, o **Correio** foi à casa do motorista de transporte escolar e conversou com Elaine Ferreira, 59, esposa da vítima, que descreveu os últimos momentos ao lado do marido. O filho do casal, Gabriel — que aparece nas filmagens correndo dos disparos de Francisco —, também esteve presente e rememorou o momento do crime, além de recordar acontecimentos emocionantes que viveu junto ao pai.

Mariana Campos/CB/D.A Press



Elaine e o filho Gabriel pretendem se mudar e tentar recomeçar a vida

O crime

De acordo com Gabriel, antes da discussão começar, Francisco ficou batendo no portão da família e encarando mãe e filho. A tensão entre os vizinhos teria ocorrido após o jovem estacionar seu carro em uma vaga de estacionamento público, onde o suspeito costumava parar seu veículo. Adriano, que não estava em casa no momento, havia levado o ônibus da esposa para a oficina.

“Quando meu pai chegou, aconteceu a discussão. Ele (Adriano) pedia para Francisco voltar para casa, porque não

queria confusão. Francisco então deu dois passos para trás, sacou a arma e fez os disparos. O primeiro foi na minha direção, mas me esquivei e corri para tentar fechar o portão. Como não consegui, subi para a quadra vizinha para pedir ajuda. Quando liguei para minha mãe, ela contou que ele tinha matado o meu pai. Vim correndo e vi o corpo dele caído no chão”, relata, com a cabeça baixa e a voz embargada.

Dentro de casa, Elaine viu o momento em que Francisco entrou e continuou os disparos. “O primeiro tiro pegou na churrasqueira. Adriano correu para atrás

da van e foi atingido pelo restante dos disparos. Ele (o marido) ainda conseguiu andar um pouco, segurou em uma pilastra, mas caiu com o rosto no chão”, descreve. Uma mulher que passava em frente ao local do crime, apresentou-se como enfermeira e prestou os primeiros socorros, mas o motorista já estava sem pulso. “Ele (Francisco) atirou para matar”, ressalta a viúva.

Saudade

“Meu marido dava o sustento da minha família. Fazíamos tudo juntos. Agora, estou sozinha para

Mariana Campos/CB/D.A Press



Elaine e Adriano se dedicavam a artesanatos católicos

cuidar dos meus filhos, meus netos, meu genro e minha nora. Eu não sei o que vou fazer para nos sustentar. Ele (Francisco) acabou com a nossa vida. Tirou o pilar da minha família”, lamenta, em lágrimas. Adriano e Elaine estavam casados havia 28 anos. Juntos, criaram três filhos e tinham dois netos.

Segundo mãe e filho, parentes de Francisco têm passado em frente à casa da família com olhar intimidador. “Uma dessas pessoas veio até nós e disse que todo esse problema era culpa nossa. Tenho medo que ele (o atirador) seja solto e volte aqui. Essa tragédia aconteceu na mesma casa que meu pai batalhou para construir, então, além da insegurança, vamos nos mudar, não aguentamos essa dor”, diz Gabriel.

“Quando nos conhecemos, eu tinha 30 anos e ele, 21. Ele me amava como se eu fosse uma mocinha”, conta Elaine, com um breve sorriso no rosto, recordando a época em que o casal se conheceu. “Ele adotou, registrou e cuidou do meu filho mais velho, de outro relacionamento. Fazia tudo por nós. Depois, veio

a Nathália e, em seguida, o Gabriel”, completa. Juntos, Adriano e Elaine trabalhavam com transporte escolar, dedicavam-se a artesanato — produzindo imagens católicas, como santas — faziam caminhada todas as manhãs e buscavam, juntos, os netos na escola. Eram uma dupla.

“Ele adivinhava tudo que a gente queria e precisava. Meu neto dormia aqui todos os fins de semana e Adriano saía com ele para pedalar, enquanto eu arrumava a casa. Ele (o marido) gostava de postar na redes fotos dos dois juntas peladando. Escrevia ‘hoje eu tenho um companheiro para passear comigo’. Ontem, ouvi meu neto perguntar quem passearia com ele agora, que seu vovô se foi”, relata.

Para Gabriel, mais do que um pai, Adriano foi amigo. “Quando eu era pequeno, dizia para o meu pai que queria ser jogador de futebol. Então, todos os dias, ele me passava um treino diferente, que aprendia em vídeo-aulas. Mais tarde, disse que queria fazer agronomia e, de novo, ele me apoiou. Sempre foi uma pessoa muito querida”, destaca.

BRASÍLIA

GDF libera centro comercial próximo ao Mané Garrincha

» CARLOS SILVA

O Governo do Distrito Federal (GDF) revogou o decreto que suspendia os alvarás de construção de um atacadista nas proximidades do Estádio Mané Garrincha. A medida, publicada no *Diário Oficial do DF* (DODF) da última terça-feira (04), restabelece a validade das licenças emitidas em 2021 e 2022 e cria um grupo de trabalho para acompanhar a execução do contrato de concessão da área.

A área onde o atacadista será construído pertence à Terracap e foi concedida à Arena BSB, responsável pela gestão do complexo esportivo. Embora a legislação permita edificações voltadas a esporte, lazer e comércio associado, a construção do atacado gerou resistência dentro do próprio Executivo e levou o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MP-DFT) a instaurar um inquérito para investigar o caso.

Com a nova decisão, as obras poderão ser retomadas, desde que o projeto arquitetônico final seja apresentado ao Grupo de Trabalho instituído pelo decreto. O grupo será composto por representantes da Casa Civil, Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), Secretaria de Proteção da Ordem Urbanística (DF Legal) e da Terracap. A revogação também anula a ordem de serviço que determinava a paralisação da obra, garantindo a validade dos alvarás de 2021 e 2022.

A mudança de postura do GDF ocorre após meses de impasse. No ano passado, o governador Ibaneis Rocha (MDB) chegou a vetar o empreendimento, levando a Arena BSB a suspender as obras até haver um “alinhamento do projeto com os interesses dos cidadãos de Brasília”.

Mariana Campos/CB/D.A Press



Repercussões

A medida reacendeu debates sobre planejamento urbano e preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília. Para o urbanista Frederico Flósculo, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB),

a decisão reflete um problema estrutural de gestão do território na capital brasileira, causado pelos dispositivos presentes na Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS). “Nenhuma cidade do Brasil tem regras tão permissivas. Se um empresário quiser modificar o Mané Garrincha,

A área onde o atacadista será construído pertence à Terracap e foi concedida à Arena BSB

pode mudar o que quiser, sem precisar passar pela Câmara Legislativa”, critica.

Flósculo alerta aos impactos urbanos, especialmente na mobilidade e infraestrutura da região central de Brasília. “O acréscimo de um projeto desse porte pode gerar um impacto significativo no trânsito, no consumo de energia e água. E esses impactos não são mais calculados de maneira rigorosa. O exame de impacto ambiental deveria ter um critério técnico, porém se tornou uma formalidade controlada pelos interessados na obra”, afirma.

Segundo o urbanista, a proposta não está alinhada com a vocação original do Setor de Esportes e deve comprometer o uso

do espaço público. “Essa área deveria ser destinada à prática esportiva, abarcando quadras, percursos e espaços abertos à população. Em vez disso, estão transformando o setor em um super shopping, o qual não atende às necessidades da cidade”, critica.

Questionada sobre a decisão, a Arena BSB disse, em nota, que “mantém estreita colaboração com o GDF e a Terracap na manutenção e requalificação da área sob sua concessão”. A empresa ressaltou que segue promovendo atividades de diversas naturezas, incluindo esportivas, sociais, culturais, religiosas, artísticas e comerciais.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por sua vez, afirmou em nota que “não foi oficialmente notificado e, portanto, ainda não pode se manifestar sobre o assunto”. O **Correio** também entrou em contato com o governo local, mas até o fechamento desta reportagem, não houve resposta.